

Taylor agora era tanto o patriarca quanto o irmão mais velho do grupo, mas sem cerimônias. Simplesmente anunciou rápido: — Vamos comer! E logo enfiou o garfo num pedaço de batata gordurosa, acompanhada de bacon, levando à boca com cuidado. O sabor era cremoso, salgado, crocante por fora e macio por dentro. Aquilo fez Taylor perceber que a vida não se resumia a ficar gritando "pelo Imperador" o tempo todo. Ele soltou um suspiro relaxado. — Muito bom... Mas antes que terminasse de apreciar, o velho Teikess entrou sem bater, invadindo seu espaço sem cerimônia, com o rosto fechado. — Reunião. Aquela palavra soou como uma maldição, venenosa, perturbadora. Reunião? Só chamavam reunião para duas coisas: guerra ou algo pior — algum pesadelo ainda mais nojento. Taylor quase surtou. — Reunião?! Não, de jeito nenhum! Reunião... — Não, por favor, me deixem ficar no meu sonho... Meus tomatinhos, minhas batatinhas, minha fogueira sob as folhas de outono... — E a menininha da casa ao lado, com seu sorriso doce, que deveria provar meus assados perfeitos e o doce das batatas... Teikess esfregou as têmporas. Ele conhecia aquele estado: síndrome pós-férias. Todo soldado tinha. E ele sabia a cura. — Capitão! — disse, severo. — Quanto você ganha por mês? Taylor respondeu por reflexo. — Quinze moedas do Trono, senhor! Teikess foi direto. — E de onde elas vêm? — Do Imposto Imperial, senhor! — O Império te paga para você plantar batata? Taylor balançou a cabeça. — Acho que não... — Acordou?! Agora vá para a sala de reuniões, ou seu salário vai cair para o de um fazendeiro comum! Taylor lembrou na hora de seus sonhos: sítio, cabana, seu pedaço de terra. Pelo Imperador! Ele quase tinha jogado tudo fora. Agora, assustado, correu para a sala de reuniões, esquecendo completamente das batatas.

Capítulo 143: Tempos Díficeis Taylor tirou o chapéu de palha e colocou o capacete de aço. Odiava aquilo, mas era o mais confiável. Se um dia uma bala perdida acertasse sua cabeça, ele ficaria devendo a vida àquele capacete. Por isso, agora o tratava como um irmão. Além disso, servia de tigela em emergências. Se a panela sumisse, dava para comer direto dele, lavado ou não. Pensando assim, o capacete ficava menos irritante. Mas ao entrar na sala de reuniões, esbarrou em algo amarelo. Duro. Metal, provavelmente, mas Taylor jurou que era mais resistente que adamantium. Olhou para cima e viu o dono daquela armadura — um Astartes, enorme, braços cruzados, cara fechada, como se Taylor lhe devesse uma fortuna. Primeiro, notou o símbolo no ombro: um punho. E a cor amarela. Taylor não conhecia muitos Capítulos de Astartes. Afinal, o Código Astartes de Guiliman tinha deixado tudo colorido. Mas ele reconhecia os originais. Os Punhos Imperiais, filhos de Rogal Dorn, uma das maiores ordens da galáxia. A presença deles significava que o problema afetava o Sistema Solar — ou pelo menos o Setor Solar, o coração da humanidade. O cérebro de Taylor processou rápido: se Abaddon queria um portal disforme ligando direto a Terra, isso justificava a presença dos Punhos Imperiais... Preparou-se para a saudação imperial, mas o veterano de cabelos brancos o encarou e resmungou: — Mortal, você está atrasado! — Senhor, fui avisado agora! O Astartes observou Taylor, seu jeito ágil e alerta, e perguntou: — Você é Caxemira? Taylor hesitou. Os Caxemiras eram os melhores da Guarda Imperial, os supersoldados de Cadia, os mortais mais fortes da galáxia... — Não. Sou de Skadi, Capitão do Primeiro Regimento de Redenção! O Astartes nem pestanejou. — Ah. A frieza dele deixou Taylor engasgado. "Esse aí é parente de Rogal Dorn, com certeza. Tão insuportável quanto." O Astartes viu que Taylor parara e continuou: — Se está atrasado, não atrase mais. E o agarrou como um frango, levando-o até o centro de comando, postura rígida, queixo erguido — insuportavelmente perfeito. — Skadiano, skadiano... — murmurou, como se vasculhando a memória. De repente, lembrou. — Já ouvi falar de você. Taylor, o Exterminador de Tiranídeos, o Caçador de Orkos. Tem vários apelidos e histórias estranhas. E também rumores de que colaborou com o Caos. — Mas espero que entenda o que está em jogo agora. Apontou para o mapa estratégico, sério. — Abaddon quer isso aqui. Enviou seus melhores especialistas em ataques. Eles já destruíam fortalezas antes de você ou seus ancestrais nascerem. O Capitão dos Astartes soltou Taylor, com uma pitada de expectativa e desgosto. Odiava soldados assim: talentosos, mas indisciplinados. Mas sabia que eram justamente esses que tinham potencial. Já ouvira histórias sobre Taylor. Mas isso não o impediu de querer assustar o jovem. E se Taylor conhecesse os relatos sobre os inimigos que enfrentariam, saberia que não eram do tipo que se convence com palavras. — Especialistas? — Taylor perguntou, hesitante, olhando para os outros soldados na sala. O local estava tão caótico

quanto sempre: fios de energia espalhados pelo chão, cabos de rádio enrolados uns nos outros, equipamentos piscando e soldados desesperados. Alguns eram membros do Regimento de Infantaria Skadi, outros eram Astartes em armaduras amarelas. Taylor não conseguia evitar um comentário sarcástico:— O que há de tão valioso nesse lugar para justificar a presença dos Punhos do Imperador?O capitão da companhia respondeu com voz grave:— Eles já foram leais, mas agora chegam cheios de ódio. Nós os expulsamos para as bordas da galáxia, e em retorno, eles destruíram tudo. — Traidores... — O tom carregado de ódio na voz do Astartes fez os pelos de Taylor se arrepiarem, como se um vento gélido tivesse passado por ali.O guerreiro continuou, murmurando:— Os Guerreiros de Ferro...— Eles têm pelo menos cinco companhias. Em número, nos superam. Nossa única vantagem é transformar este mundo em uma fortaleza inexpugnável e resistir até a vitória na linha de frente de Cadian.As palavras do capitão deixaram claro o desafio que enfrentavam. E Taylor sabia muito bem quem eram aqueles inimigos. Uma das Legiões Fundadoras: os Guerreiros de Ferro. Seu Primarca, Perturabo... Antes um filho do Imperador, agora um Primarca Caído, um traidor...Taylor não se sentia muito confiante, especialmente sabendo que enfrentariam cinco companhias inteiras. Mas não tinha para onde correr. Sem nave, sem meios de fugir, impossível cruzar o vácuo do espaço a pé... Sua única opção era sobreviver.E ele sabia que estavam enfrentando os melhores atacantes da galáxia. Inúmeras fortalezas lendárias haviam caído diante deles. Eram especialistas em guerra-relâmpago, cercos e no uso massivo de veículos de combate. Suas táticas arrasaram inúmeros mundos do Império.Taylor perguntou, preocupado:— Eles estão de olho nesse lugar?O Astartes dos Punhos do Imperador confirmou:— Sim. — Aqueles malditos já estão a caminho. Temos pouco tempo, não sei exatamente quando atacarão. — Minha nave já recuou. A Coragem abandonou este setor. Nunca teríamos chance no vácuo, então agora nossa única opção é lutar até o fim!As palavras do guerreiro fizeram Taylor se sentir como se tivesse caído em um abismo gelado. Uma Legião de Astartes fundadores, agora caídos, se aproximando... Era o pior cenário possível!Ele já havia enfrentado esses inimigos antes, mas nunca verdadeiramente os derrotara.Instintivamente, sua mão apertou o cabo de sua espada motosserra, como se aquilo pudesse lhe dar um pouco de coragem.Seu medo se solidificou em um olhar determinado — algo que ele nem percebeu, mas que fez os olhos do capitão brilharem.— Parece que subestimei você. Para um mortal, manter-se firme mesmo ao ouvir o nome dos Astartes... — Talvez você não conheça aquela história, mas ainda assim vejo coragem em você.Taylor ficou confuso:— Coragem? O quê...?Mas o capitão apenas bateu em seu ombro e se virou para o velho Tecaio:— Posso levá-lo por um tempo?Tecaio respondeu:— Se achar que ele será útil... mas ele costuma dar mais trabalho que ajuda.O capitão balançou a cabeça:— Não, não. Um irmão de Ultramar falou dele. Ele tem talento. — Talento para metalurgia, fortificações, defesas...Taylor franziu a testa imediatamente. Lembrou-se do sargento dos Astartes... aquele cara... Não conseguiu recrutá-lo, então decidiu arranjar problemas para ele?Antes que pudesse processar tudo, o capitão lhe entregou cópias de plantas de engenharia e uma pá, dizendo com tom solene:— Venha. Vamos inspecionar as fundições na prática, até você entender o que é defesa de verdade.— Hein? — Taylor emitiu um som confuso antes de ser levado como um saco de batatas pelo gigante.Parecia que o destino gostava mesmo de atormentar pessoas como ele. Ele via seus sonhos de vida simples se afastando cada vez mais... Ah, seus tomatinhos... Ah, suas batatinhas... Ah... Aquela garotinha da casa ao lado, que ele nem conheceria, mas imaginava com um sorriso doce. Tudo agora se transformara em homens rudes, concreto... e uma guerra sem fim. Capítulo 144: Os Punhos do Imperador (Parte 1)